

**XXIV CONGRESSO NACIONAL DO
CONPEDI - UFMG/FUMEC/DOM
HELDER CÂMARA**

HERMENÊUTICA JURÍDICA

ENOQUE FEITOSA SOBREIRA FILHO

RUBENS BEÇAK

RODOLFO VIANA PEREIRA

Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – Conpedi

Presidente - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa – UFRN

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. José Alcebíades de Oliveira Junior - UFRGS

Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM

Vice-presidente Nordeste - Profa. Dra. Gina Vidal Marcílio Pompeu - UNIFOR

Vice-presidente Norte/Centro - Profa. Dra. Julia Maurmann Ximenes - IDP

Secretário Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC

Secretário Adjunto - Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto – Mackenzie

Conselho Fiscal

Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG /PUC PR

Prof. Dr. Roberto Correia da Silva Gomes Caldas - PUC SP

Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Napolini Sanches - UNINOVE

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS (suplente)

Prof. Dr. Paulo Roberto Lyrio Pimenta - UFBA (suplente)

Representante Discente - Mestrando Caio Augusto Souza Lara - UFMG (titular)

Secretarias

Diretor de Informática - Prof. Dr. Aires José Rover – UFSC

Diretor de Relações com a Graduação - Prof. Dr. Alexandre Walmott Borgs – UFU

Diretor de Relações Internacionais - Prof. Dr. Antonio Carlos Diniz Murta - FUMEC

Diretora de Apoio Institucional - Profa. Dra. Clerilei Aparecida Bier - UDESC

Diretor de Educação Jurídica - Prof. Dr. Eid Badr - UEA / ESBAM / OAB-AM

Diretoras de Eventos - Profa. Dra. Valesca Raizer Borges Moschen – UFES e Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - UNICURITIBA

Diretor de Apoio Interinstitucional - Prof. Dr. Vladimir Oliveira da Silveira – UNINOVE

H531

Hermenêutica jurídica [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/ UFMG/FUMEC/
Dom Helder Câmara;

coordenadores: Enoque Feitosa Sobreira Filho, Rubens Beçak, Rodolfo Viana Pereira –
Florianópolis: CONPEDI, 2015.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-5505-132-6

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: DIREITO E POLÍTICA: da vulnerabilidade à sustentabilidade

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Brasil – Encontros. 2. Hermenêutica. I.
Congresso Nacional do CONPEDI - UFMG/FUMEC/Dom Helder Câmara (25. : 2015 : Belo
Horizonte, MG).

CDU: 34



**XXIV CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI - UFMG/FUMEC
/DOM HELDER CÂMARA
HERMENÊUTICA JURÍDICA**

Apresentação

É com satisfação que prefaciamos - em decorrência de incumbência que nos foi dada pela direção do CONPEDI - a coletânea de artigos apresentados no Grupo de Trabalho Hermenêutica Jurídica, por ocasião do XXIV Congresso, realizado em Belo Horizonte.

Os trabalhos apresentados, com variadas abordagens e referenciais teóricos multifacetados, foram, em nosso ver, o resultado de uma das melhores seleções de artigos produzidos no âmbito dos Programas de Pós-Graduação em Direito das diversas universidades país afora.

O reconhecimento da qualidade desses textos que ora damos conhecimento ao mundo acadêmico foi não apenas dos próprios autores e assistentes do GT, mas também dos professores que compuseram mesa coordenadora dos trabalhos e que assinam este prefácio.

Aos que tiveram a oportunidade de acompanhar as apresentações, atentamente assistidas por pesquisadores empolgados com um debate fundamental não apenas para um curso de direito, mas para o próprio avanço da democracia, na medida em que reflete profundamente sobre a questão do papel, dos limites do judiciário e da própria atividade interpretativa.

O alentado livro, ora dado ao conhecimento de um público amplo, significa um aporte significativo de competentes autores e autoras, os quais, certamente, se haverão com a mesma profundidade e excelência de resultados em posteriores publicações de potenciais promissoras carreiras de doutrinadores e pesquisadores.

Saliente-se que os trabalhos foram aprovados após rigoroso processo de avaliação por parte dos examinadores que não levaram em conta apenas o aspecto quantitativo de páginas de análise, mas, fundamentalmente e como deve ser pelo aspecto qualitativo das pesquisas apresentadas.

O conjunto de artigos, que ora se somam para se tornarem um livro reúnem todas as qualidades acima mencionadas e, de fato, trazem e fazem - um apanhado detalhado sobre questões das mais relevantes para a teoria do direito e para a sua teoria da interpretação, tais

como os debates sobre o comportamento decisional dos magistrados, os limites da interpretação e as necessárias conexões entre essas atividades e a democracia, considerando, o cenário do que se convencionou chamar de judicialização da política.

Através de variadas opções teórico-metodológicas a atividade interpretativa é examinada na condição de segmento no qual se desenrola uma permanente disputa de significados.

Nos diversos loci do conflito, Juízes, advogados, membros do Ministério Público e todas as demais figuras que influenciam esse espaço de disputa travam um duro embate o qual, por vezes se apresenta com o manto tão diáfano quanto fantasioso - do absoluto distanciamento dos interesses em disputa.

Por outro lado, artigos e autores tiveram o mérito de não temer, quando foi preciso nos debates travados, em nadarem contra a corrente do senso comum.

São essas profundas e detalhadas análises do fenômeno jurídico, notadamente em seu viés hermenêutico que recomendamos enfaticamente e para as quais remetemos o leitor. E o fazemos com mais entusiasmo ainda ao lembrar que se trata - na maioria dos casos - de jovens pesquisadores e pesquisadoras nos quais se destacaram claramente já a partir dos debates no GT, a característica decisiva que diz respeito ao que seja o perfil de estudiosos atentos, isto é, pensar com a própria cabeça.

Assim, e para permitirmos aos leitores que desejem acompanhar essa aventura intelectual, queremos afirmar nossa convicção de que este livro será extremamente para profissionais e iniciantes da área jurídica que pretendam apreender de forma consistente os problemas cardinais de tão importante área do saber jurídico a sua atividade de interpretar e aplicar normas.

**ESTUDO COMPARADO DA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR E DA
TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA AMAZÔNIA A PARTIR DA PERSPECTIVA
ECOLÓGICA**

**COMPARATIVE STUDY OF THE HERMENEUTICS OF PAUL RICOEUR AND
LIBERATION THEOLOGY IN THE AMAZON FROM THE ECOLOGICAL
PERSPECTIVE**

**Daniela Oliveira Gonçalves
José Boeing**

Resumo

A hermenêutica de Paul Ricoeur é uma contribuição importante para a filosofia contemporânea. Sofre influência do existencialismo de Jaspers e da fenomenologia de Husserl e dos filósofos clássicos. Converte para a linguagem de Heidegger e Gadamer, se opondo ao racionalismo de Descartes e ao idealismo de Hegel. Interpreta a simbólica do mal e os símbolos, valoriza o tempo, narrativa e memória, com a tríplice mimese. Faz a hermenêutica bíblica a partir da Teologia da Cruz e da Ressurreição. Acredita na pessoa ética e política como novo ser. Estudo comparado da filosofia ambiental e hermenêutica da Teologia da Libertação, no método ver, julgar e agir, a partir da ecologia na Igreja da Amazônia. Celebramos a Filosofia e a Teologia da Libertação na América Latina.

Palavras-chave: Hermenêutica, Sofrimento, Libertação, Filosofia, Teologia, Ambiental

Abstract/Resumen/Résumé

The hermeneutics of Paul Ricoeur is the best contribution to contemporary philosophy. Suffers the influence of Jaspers existentialism and Husserl phenomenology and of classical philosophers. Converges to the language of Heidegger and Gadamer, opposing the Descartes ' rationalism and idealism of Hegel. Interprets the symbolic of evil and the symbols, values the time, narrative and memory, with the triple mimesis. Does the biblical hermeneutics from the Theology of the cross and the resurrection. Believe in ethics and politics as a new person be. The comparative study of environmental philosophy and Hermeneutics of liberation theology, in the method see, judge and Act, from the ecology in the Church from Amazon. We celebrate the Philosophy and theology of liberation in Latin America.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Hermeneutics, Suffering, Liberation, Philosophy, Theology, Environment

1 INTRODUÇÃO

O estudo comparado da hermenêutica do filósofo Paul Ricoeur e a hermenêutica da filosofia ambiental e da Teologia da Libertação a partir da ecologia na Amazônia no remete ao pensamento filosófico e teológico contemporâneo. A trajetória de vida e de reflexão filosófica e teológica de Paul Ricoeur contribui para o avanço do pensamento moderno da pessoa humana e o meio ambiente. Paulo Ricoeur percorre um caminho de dificuldades pessoais desde a infância e mais tarde, durante a segunda guerra preso pelos nazistas. Mas, na prisão estuda o existencialismo de Karl Jaspers e traduz a fenomenologia de Husserl. Escreve sobre a filosofia da vontade na simbólica do mal, Influenciado pelo método da linguagem de Heidegger e Gadamer, interpreta os símbolos no seu cotidiano se opondo ao racionalismo de Descartes e fenomenologia do idealismo de espírito de Hegel.

Com seu livro sobre a memória, a história, o esquecimento, demonstra o problema das narrativas que constituem as referências de memória de um indivíduo e de uma sociedade. A memória dos lugares e os lugares da memória. Neste sentido, a tríplice mimese é a parte fundamental no seu método, com a prefiguração, configuração e refiguração.

Paul Ricoeur também faz a hermenêutica bíblica que o acompanha em toda sua vida como Palavra Revelada. O sofrimento marca sua vida pessoal e encontra na Teologia da Cruz o caminho do êxodo e liderança de Moisés no Antigo testamento.

Ao lermos a história do pensamento cristão sob o viés das políticas de memória, desde o êxodo no Antigo Testamento para a Páscoa da libertação dos Judeus até o Novo Testamento com Jesus Cristo encarnado, morto. Mas a Teologia da Cruz converteu toda e qualquer marginalização do evento Salvífico com a Ressurreição de Cristo. Também o texto da Carta aos Romanos de Paulo fala da dor do ser humano e da criação a partir de Romanos 8, 22.

Vamos comparar a hermenêutica de Paul Ricoeur com a hermenêutica da Filosofia da Libertação de Enrique Dussel e a hermenêutica da Teologia da Libertação com Gustavo Gutierrez, Leonardo Boff e a Cristologia de John Sobrino. Poderemos assim, pensar uma filosofia ambiental e uma prática cristã de reconstrução da vida, superando a opressão.

Neste contexto a partir da ecologia, aplicaremos o método da Teologia da Libertação no ver, julgar e agir da Igreja na Amazônia. Igreja armou sua tenda e acampou na Amazônia, fortalecendo as Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. O compromisso para mudar esta situação de opressão em Páscoa da libertação e da ressurreição com vida nova para todos e todas. O Caminho da Teologia da Libertação na perspectiva ecológica valoriza a fé,

tradição cultural dos povos da Amazônia, garantindo vida para as presentes e futuras gerações.

2 HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR(1913-2005)

Paul Ricoeur nasceu no dia 25/02/1913 em Valence, França. Era de família protestante e muito pequeno ainda ficou órfão, sendo cuidado e educado pelos avós. Estudou no Liceu de Rennes e em 1935 foi para o estudo da filosofia, onde aprofundou os conhecimentos filosóficos, tornando-se professor de filosofia, publicando muitas obras.

Em 1939 ele foi capturado pelos alemães, permanecendo preso até 1945. Nesse período na prisão conheceu o pensamento existencialista de Karl Jaspers. Traduziu os escritos de Husserl sobre a fenomenologia. Depois de sair da prisão, começa a lecionar e escreve sobre a Filosofia da vontade, analisando o voluntário e involuntário, destacando o Ser em si mesmo como o outro em 3 aspectos, que Reale e Antiseri analisam da seguinte forma: “dimensão do decidir, do agir e do consentir” (2006, p. 268). Esta forma de entender a vida e a realidade da ação humana faz Ricoeur forte no pensar e procurar agir no enfrentamento entre o voluntário e involuntário e afirma: “eu suporto este corpo que governo” (Reale; Antiseri, 2006, p. 268).

Diante das adversidades da vida ele dá um conselho como se deve agir: “Quando um problema vos perturbar, vos angustiar, vos meter medo... não tenteis contornar o obstáculo, aborçai-o de frente”. Declara o militante prisioneiro: “Eu não sei até que ponto fui fiel a este preceito. Apenas posso dizer que jamais o esqueci”. (PEREIRA, 2003, p.237).

Segundo Reale e Antiseri, no livro da história da filosofia, volume seis, apresentam sucintamente tópicos com um resumo dos grandes escritos de Paul Ricoeur e sua hermenêutica. Podemos elencar esses temas da seguinte forma: “Eu suporto este corpo que governo”; Uma vontade humana que erra e que peca; A simbólica do mal; A “escola da suspeita”; O conflito das interpretações; a realidade do símbolo entre o vetor “arqueológico” e o “teleológico”; Tempo, narrativa e memória e a conquista da pessoa (REALE; ANTISERI, 2006, p. 270-273). Estes são apenas tópicos dos grandes escritos de Ricoeur a respeito do ser humano na sua finitude, divergindo do racionalismo de Descartes e o idealismo de Hegel. Ele começa a refletir sobre a humanidade objetiva nos símbolos. Isto é, nas diversas formas simbólicas, os significados e os momentos mais importantes da vida e da história. Ele percebe que para compreender o ser humano deve-se usar a interpretação. É justamente a

multiplicidade de modelos interpretativos em conflito que torna urgente compreender a relação ou separação entre os símbolos e a razão.

Ricoeur vê a necessidade de pesquisar nos símbolos, o valor arqueológico e o teleológico, ou seja, as razões de suas raízes no passado e as motivações que os tornam úteis ou necessários para o futuro. Ricoeur dizia:

É o trabalho mental que consiste em decifrar o sentido escondido no sentido evidente, ao desdobrar os níveis de significação implícitos na significação literal. [...] Símbolo e interpretação tornam-se, deste modo, conceitos correlativos; há interpretação onde há sentido múltiplo, e é na interpretação que a pluralidade dos sentidos se tornou manifesta. (REALE, ANTISERI, 2006, p. 272).

Paul Ricoeur admite a influência que recebeu de Husserl, pois afirma que:

Foi numa perspectiva ainda husserliana que eu tentei uma análise intencional do projeto (com o seu correlativo <objetivo > o pragma, a coisa a fazer por mim), da moção voluntária ritmada pela alternância entre impulso vivo da emoção e a posição tranquila do hábito, enfim do consentimento no involuntário absoluto, sob cujo âmbito eu coloquei o carácter, esta figura estável e absolutamente não escolhida do existente, a vida, esta oferta não conectada do nascimento de o inconsciente, esta zona interdita, para sempre inconvertível em consciência atual. (PEREIRA, 2003, p. 252).

No entanto, ele observa que no uso da linguagem, influenciado pelo Heidegger e Gadamer, busca mais além de si mesmo, olhando para o outro. Ele concorda com seu amigo Emmanuel Mounier: “A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. O Tu e nele o nós precedem o eu ou acompanham-no pelo menos” (PEREIRA, 2003, p. 252).

2.1 A hermenêutica da condição humana de Paul Ricoeur

Na pesquisa de Miguel Baptista Pereira sobre a hermenêutica da condição humana de Paul Ricoeur, destacam-se os pontos essenciais a partir da influência de Heidegger e Gadamer, sobre seus pensamentos, principalmente na questão da linguagem no cotidiano. Este pensamento diverge do saber absoluto da razão de Descartes (cogito) e do idealismo da fenomenologia do espírito de Hegel (“eu penso”). Ricoeur também foi influenciado por R. Dalbiez sobre a reflexão do Ser profundo do homem, pois dizia: “Há sempre mais nos mitos e símbolos que na filosofia. A interpretação filosófica dos símbolos não se tornará absoluto” (PEREIRA, 2003, P. 236).

2.2 A hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur

Ricoeur sendo protestante militante, rompe com a religiosidade tradicional, questiona a Igreja oficial católica. Em 1968 havia muitos protestos da juventude, clamando por mudanças políticas e sociais. O estilo revolucionário interior e firme no protesto de Ricoeur exige dele um homem rigoroso e fiel a tudo, principalmente nos textos e na relação com os alunos. Ele acredita na necessidade da ética nas relações para com o outro, fazendo a travessia do luto e sofrimento, cruz, morte para a vida Ressurreição na Palavra viva.

A hermenêutica bíblica de Ricoeur tem essa dimensão na finitude da condição humana. Ele dizia a respeito da leitura bíblica: “A minha avó lia-a regularmente, prática que eu herdei e prossegui durante a minha juventude e depois” (PEREIRA, 2003, p. 237). Segundo Pereira, Ricoeur não era pneumatológico, mas a vida inspirada no cotidiano, Assim entendia Ricoeur:

Esta relação da escrita à palavra e da palavra ao acontecimento e ao seu sentido é o núcleo do problema hermenêutico. No entanto, esta relação só aparece através de uma série de interpretações, que constituem a história do problema hermenêutico e, pode dizer-se, a história do próprio Cristianismo na medida em que esta é tributária das leituras sucessivas da Escritura e da sua capacidade para reconverter essa escrita em palavra viva (PEREIRA, 2003, p. 238).

Sua hermenêutica na linha bíblica está fundamentada na condição da finitude humana, partindo da questão do pecado, no sentido de ruptura com a criação, através de Adão e Eva e a expulsão do Paraíso. Ele era um homem de meditação e contato com a palavra de Deus, faz a análise da história da libertação do povo de Deus, através do chamado de Deus para Moisés liderar em seu nome (Ex 3,1-10) o êxodo do povo, saindo do exílio (morte, opressão, perda) para a liberdade (Terra Prometida).

Para Ricoeur fazer a hermenêutica do Cristianismo e busca na Memória e na Tradição o sentido da existência da fé e da vida. Por isso, ele vê no êxodo do Povo de Deus no Antigo Testamento, liderado por Moisés, a travessia do luto, do sofrimento para o encontro com a vida libertada na festa da Páscoa tendo a “experiência do ser criado pela palavra” (Ricoeur). Ele faz um comparativo de Moisés na luta pela conquista da terra prometida com a encarnação de Jesus Cristo que vê na paixão e morte, a perda, sofrimento e luto para a passagem com a Ressurreição da Páscoa da Boa Nova. Esta maneira de Ricoeur viver e refletir sobre a fé, desde a simbólica do mal, encontra na Palavra revelada a liberdade da Páscoa do ser (PEREIRA, 2003, p. 238).

Segundo Victor Souza, a hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur está associada à Memória da Teologia da Cruz. Por isso, Souza afirma que, “ao confrontar a política de memória vigente, a Teologia da Cruz não deixa de ser outra política de memória que se apresenta à história do pensamento cristão”...]. É uma política de memória que reconcilia o ser humano na mais profunda dimensão de seu divino mistério: o sofrimento, a fé, a graça e a salvação (Souza, 2012, p.135-145).

Assim, podemos compreender o pensamento de Ricoeur sobre a natureza da condição humana e o sonho de ver a glória. Isto está presente no texto do Apóstolo Paulo na Carta aos Romanos quando diz:

Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores do parto, até o presente. E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção de nosso corpo. (Rm 8, 22-23).

Ricoeur vê na falta da graça e da imaginação, o perigo de seguir preso na simbólica do mal. Neste sentido o teólogo dominicano E. Schillebeeckx em 1968 durante a cerimônia em a Universidade Católica de Nijmegen homenageou Paul Ricoeur com *honoris causa*, proferiu as seguintes palavras: “O professor Ricoeur é um dos raros filósofos que, embora sendo filósofo na autonomia do pensamento responsável, recusam pôr entre parênteses sua condição existencial de crentes cristãos, e para ele crer é ouvir a interpretação. Mas para ouvir a interpretação é preciso interpretar a mensagem” (REALE; ANTISERI, 2006, p. 270).

Compreender esta linguagem da confissão para exegese do Símbolo com regras de decifração hermenêutica. Por isso, Ricoeur diz que, “a filosofia reflexiva deve incluir os resultados, os métodos e os pressupostos de todas as ciências que procuram decifrar e interpretar os signos do homem” (PEREIRA, 2003, p.267). É na interpretação que se encontra o novo que necessita de uma relação dialética de Distanciamento e pertencimento.

2.3 Tempo, narrativa e esquecimento de Paul Ricoeur

Paul Ricoeur constrói um esboço fenomenológico da memória, história e esquecimento, ressaltando a questão dos lugares da memória com a memória dos lugares.

A memória dos lugares é assegurada por atos tão importantes como orientar-se, deslocar-se e, acima de tudo, habitar. É na superfície habitável da terra que nos lembramos de ter viajado e visitado locais memoráveis. Assim, as ‘coisas’ lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por

acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu que ela teve lugar. É de fato nesse nível primordial que se constitui o fenômeno dos ‘lugares de memória’, antes que eles se tornem uma referência para o conhecimento histórico. Esses lugares de memória funcionam principalmente à maneira dos *reminders*, dos indícios de recordação, ao oferecerem alternadamente um apoio à memória. (RICOEUR, 2000, p. 58).

Para Ricoeur, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condenação da existência temporal” (RICOEUR, 2011, p. 97). E acrescenta:

Não nos lembramos somente de nós, vendo, experimentando, aprendendo, mas das situações do mundo que vimos, experimentamos, aprendemos. Tais situações implicam o próprio corpo e o corpo dos outros, o espaço onde se viveu, enfim, o horizonte do mundo e dos mundos, sob os quais alguma coisa aconteceu. Entre reflexividade e mundanidade, há mesmo uma polaridade na medida em que a reflexividade é um rastro irrecusável da memória em sua fase declarativa: alguém diz “em seu coração” que viu, experimentou, aprendeu anteriormente; sob esse aspecto, nada deve ser negado sobre o pertencimento da memória à esfera de interioridade. (RICOEUR, 2000, p. 58).

Ricoeur afirma, ainda, que “não temos nada melhor que a memória para significar algo que já aconteceu” (RICOEUR, 2000, p. 40). Neste sentido, o artigo de Rogério Monteiro Barbosa sobre a tríplice concepção de mimese de Paul Ricoeur e a narrativa jurídica, busca solucionar os enigmas do tempo surgidos na obra agostiniana. Por isso, Ricoeur desenvolverá, a partir do texto aristotélico, sua teoria da tríplice mimese que se dá da seguinte forma:

A mimese I é o mundo prático ainda não explorado pela atividade poética, portanto, ainda não narrado. Mas, como se verá, esse mundo já está impregnado de uma pré-narratividade que servirá de referência para o ato de construção poética (configuração), a mimese II. Todavia, a mimese não se encerra no ato de configuração (o mundo do texto), mas sim na atividade de leitura, ou, como diz Ricoeur, no ato de refiguração, a mimese III. Dessa forma, há um percurso que parte do mundo da vida, ainda não narrado (ou pré-narrado), passa pela configuração da trama e encontra o mundo da vida do leitor. (BARBOSA, 2008, p. 1).

A memória registra os lugares e apresenta uma narrativa temporal pautada na tradição de valores dos indivíduos ou grupos. Este sentido se dá no conceito de pessoa, reconquistando a produção simbólica do homem. Por isso, Ricoeur afirma que, “Se a pessoa voltar, isso se dará porque ela continua o melhor candidato para sustentar as batalhas jurídicas, políticas, econômico e social” (REALE; ANTISERI, 2006, p. 273).

Segundo Pereira, para Ricoeur, “a teleologia como sobrevivência não é vitória sobre a morte real dos homens, mas apelo à vida do outro - à memória de Deus e à dos homens, que

mantêm vivos na memória os seus mortos, dentro do espírito de promessa e de dívida ao passado” (PEREIRA, 2003, p. 277). Nesta perspectiva o homem, encontra-se o sentido no ser ético e ser político para elevar a condição humana da liberdade e da justiça social.

2.4 A hermenêutica de Paul Ricoeur como um modelo para a filosofia ambiental

David Utsler faz um estudo comparativo da hermenêutica de Paul Ricoeur como um modelo para a filosofia ambiental. Ricoeur foi influenciado pelo estudo da linguagem no cotidiano de Heidegger e Gadamer, que fala da “condição ontológica do ser-no-mundo”. Assim, segundo Utsler, podemos inferir no encontro com o meio ambiente natural, artificial e cultural. Assim, a filosofia ambiental, está colocando os pés no chão, tendo consciência crescente diante da devastação. A filosofia pode contribuir nesta discussão:

Filosofia ambiental, então, foi realmente uma ética ambiental primeiro. E na mente de alguns, filosofia ambiental, é uma filosofia comum, mas no melhor talvez uma ética filosófica aplicada. Reflexão filosófica sobre o meio ambiente, no entanto, não ficou apenas no campo da ética, mas se expandiu para incluir "estética ambiental, ontologia ambiental, teologia ambiental, a filosofia da ciência, a filosofia política ambiental, a filosofia da tecnologia, ecofeminismo e outras áreas (UTSLER, 2009, p. 173).

Ricoeur faz esta reflexão partindo da identidade pessoal ou seja, de si mesmo como o outro ou como a própria natureza. O autoconhecimento vem por meio de um desvio reflexivo, analítico e dialético do ser e o outro-ser. Isto poderia chegar ao autoconhecimento em relação ao meio ambiente. Assim, estaria fugindo da ideia de antropocentrismo, pois Ricoeur concilia segundo Utsler, a compreensão do eu em relação com a natureza.

Segundo Utsler, Ricoeur vê três intenções filosóficas que fundamentam este ensaio:

O primeiro é o "primado da meditação reflexiva" ou um "desvio" de análise reflexiva contra o cogito. A segunda é uma dialética entre o ipse e idem, identidade, o que quer dizer entre a individualidade e a mesmice. A terceira é a dialética da ubiqüidade com alteridade. o primeiro e, em particular, o terceiro são mais relevantes para a noção de identidade ambiental (UTSLER, 2009, p. 174)¹.

Para Utsler, a reflexão de Ricoeur sobre a ética é o ponto de ligação entre as visões ecológicas e narrativas. Daí, a importância da distanciamento e pertencimento que Ricoeur

¹ O texto original de Utsler, p. 174: “The first is the “primacy of reflective meditation” or a “detour” of reflective analysis over against the cogito. The second is a dialectic between *ipse* and *idem* identity, which is to say between selfhood and sameness. The third is the dialectic of selfhood with otherness.¹⁰ The first and, in particular, the third are most relevant to the notion of environmental identity”.

propõe. Não distanciar-se para alienar-se, mas para ter um pertencimento participativo. São inúmeras as preocupações da sociedade atual sobre a questão ambiental. Neste sentido, faremos a seguir, um comparativo hermenêutico filosófico e teológico com a hermenêutica de Ricoeur. Tudo a partir da ecologia e da atuação da Igreja na Amazônia, acreditando no ser humano integrado com meio ambiente, garantindo a vida saudável para as presentes e futuras gerações.

3 HERMENÊUTICA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA AMAZÔNIA A PARTIR DO TEMA DA ECOLOGIA COM O MÉTODO VER, JULGAR E AGIR

A Igreja Católica chega ao Brasil com a colonização portuguesa, através dos Jesuítas. O modelo de missão era todo voltado para a doutrina e ensinamento, a partir da interpretação que os missionários davam da Palavra. O povo não tenha acesso à Bíblia. Somente a partir de 1962, quando o Papa João XXIII, convocou o Concílio Vaticano II os bispos e teólogos da Igreja Universal para uma atualização teológica, bíblica, litúrgica e pastoral. Este trabalho de renovação da Igreja aconteceu até 1965 com a conclusão do documento final.

Com o documento do Vaticano II nas mãos os pastores e líderes começaram a colocar em prática. Na América Latina surge logo a força da Teologia da Libertação. Como muitos teólogos foram formados, começam agora fazer suas próprias reflexões a partir da América Latina e seus povos. Mas também a Filosofia ganhou destaque. Neste sentido temos hoje o grande filósofo e escritor Enrique Dussel, que começa a pensar uma filosofia da libertação ou práxis filosófica. Por isso ele afirma:

É a partir do mundo, desde um mundo histórico, político, erótico ou simbolicamente determinado, que compreendemos a natureza e interpretamos os entes naturais. Se há uma história do mundo, há também a história da natureza. Ou seja, os gregos compreenderam a *fysis* como eterna, divina, nascente; os medievais compreenderam a natureza como criada (*natura naturata*), finita, sem princípio de corrupção; o moderno europeu compreendeu a *nature* ou *Natur* como sendo a matéria observável matematicamente (desde Galileu) ou explorável economicamente (desde a revolução industrial). A natureza, juntamente com o trabalho e o capital, é a origem do mítico progresso civilizador. Agora se entende o que se quer indicar quando se diz que a natureza é politicamente interpretada: é hermenêuticamente visualizada desde o centro ou a periferia, desde as diversas classes sociais, desde os sistemas políticos, principalmente, como matéria de um modo de produção numa formação social determinada. (DUSSEL, 1980).

Pensar uma Filosofia e Teologia da Libertação a partir da América Latina acredito é o ideal, a partir da cultura de cada povo. Hoje, a América Latina busca seu espaço no cenário mundial para ser respeitado e dizer que aqui podemos fazer reflexões e hermenêutica a partir da ótica da realidade do contexto de cada povo. Isto é, segundo Dussel, a partir da periferia do mundo, dos excluídos, dos marginalizados, das culturas oprimidas e exploradas pelo centro do capital internacional e das elites nacionais. O olhar do filósofo e teólogo latino-americano parte do pobre, como sujeito de dignidade e protagonista da libertação, como Paulo Freire nos ensinou com seu método a partir da Pedagogia do Oprimido.

3.1 Histórico da Teologia da Libertação

A Igreja da América Latina, através de seus teólogos que contribuíram na assessoria durante o Concílio Vaticano II, apresentando aos bispos conciliares, propostas concretas da ação evangelizadora com fundamentos bíblicos, Cristológicos, litúrgicos e pastorais, tendo como protagonistas os pobres como privilegiados de Deus.

Em 1968 a Igreja da América, convocado pelo CELAM- Conferência episcopal Latinoamericana se reúne em Medellín na Colômbia para o primeiro encontro depois do Vaticano II. A decisão deste evento deu a grande contribuição para o surgimento da Teologia da Libertação, apostando nas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, fazendo a opção pelos pobres, a partir de uma hermenêutica do Evangelho de Jesus encarnado na realidade dos povos sofridos de toda a América Latina.

Surgiram os grandes teólogos da Libertação como o Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, John Sobrino, José Comblin entre outros. Também a filosofia se tornou um grande espaço de reflexão e escritos com destaque para Enrique Dussel com a práxis filosófica. O foco da reflexão sempre foi Jesus Cristo e os pobres da América Latina.

O grande pensador da Teologia da Libertação na América Latina é Gustavo Gutierrez disseram que para não reproduzir simplesmente uma teologia utilizada dentro de uma Igreja heterogeneizante, é preciso tomar a atitude de ouvir o outro. E para ouvir o outro, Gutiérrez afirma que é imprescindível:

Sair do pequeno mundo em que se está [...] Sair do gueto é um aspecto da atitude de abertura para o mundo. De modo mais positivo, tal abertura pressupõe compartilhar sem restrições a visão que o homem latino-americano tem de sua própria situação, contribuir com competência para a sua elaboração e aprofundamento e comprometer-se sem ambigüidades na ação que dela deriva.

A realidade latino-americana começa a aparecer em toda a sua crueza. Não se trata unicamente – nem primordialmente – de um baixo índice cultural, de uma atividade econômica restrita, de uma ordem legal deficiente, de limites ou carências de instituições políticas. Trata-se, isto sim, de um estado de coisas que não leva em conta as mais elementares exigências da dignidade do homem: sua própria subsistência biológica e seus direitos primordiais como ser livre e responsável. A miséria, a injustiça, a situação de alienação e a exploração do homem pelo homem que se vive na América Latina configuram uma situação que a conferência episcopal de Medellín não vacila em qualificar e acusar de “violência institucionalizada”. (GUTIÉRREZ, 1981, pp.44-45).

Leonardo Boff também compartilha do mesmo pensamento de Gustavo Gutiérrez ao dizer que:

Devemos assumir a perspectiva das vítimas, em primeiro lugar, por uma questão de justiça. Os ameríndios e afro-americanos nunca puderam ser ouvidos. A cultura europeia bem como as Igrejas missionárias andara por um caminho de mão única durante cinco séculos. Agora é hora e a vez de ouvir o reverso da conquista. Dar a vez ao discurso dos que viviam neste continente já há séculos e que estavam na praia espreitando os seres estranhos das caravelas.

Em segundo lugar, porque se trata de uma questão ética. A chegada dos europeus significou violência. O desenvolvimento autônomo das culturas aqui presentes foi interrompido abruptamente. De autônomas passaram a dependentes e subjugadas. (BOFF, 1992, p. 59).

A Igreja de Jesus Cristo, servidora do pobre, encontra na Teologia da Libertação, o método ver, julgar e agir. Isto é, ver a realidade sofrida do pobre devido às estruturas injustas do sistema capitalista. Depois julgar esta realidade com o olhar de Deus, de Jesus Cristo histórico e salvador, iluminado pela Palavra. Para depois, agir mudando estas estruturas anunciando a esperança e denunciando as injustiças. Desta forma, padres, religiosas, agentes de pastorais e leigos e leigas começaram a utilizar a Bíblia nas comunidades Eclesiais de Base – CEBs. Diante da realidade de injustiça e opressão e desigualdade social, os cristãos com a Palavra de Deus iam iluminando sua vida e confrontando o sonho de Deus na vida de cada pessoa e comunidade. Assim, foram fortalecendo sua fé e aproximando o Cristo vivo na vida cotidiana e procurando ler os sinais dos tempos e sonhando uma libertação com justiça e vida digna para todos e todas.

Depois em 1979, os bispos reunidos na Conferência de Puebla, México, confirmaram a missão da Teologia da Libertação, reforçando a opção pelos pobres e a juventude, identificando o rosto sofrido de cada povo. E em 1992, em Santo Domingo, falaram das culturas. E 2007 surge o documento de Aparecida, Brasil, dando destaque para os leigos e leigas e toda a Igreja sendo discípulos e Missionários da Palavra.

A hermenêutica da Teologia da Libertação utiliza o método ver, julgar e agir, como mencionamos acima. Assim queremos fazer um comparativo da hermenêutica de Paul Ricoeur com a hermenêutica da Teologia da Libertação, utilizaremos como método (ver, julgar e agir) que mencionamos anteriormente tendo como tema a ecologia, ou melhor, os povos da Amazônia e o meio ambiente. Dessa forma mostraremos como a Teologia da Libertação atua no dia a dia da vida do povo, saindo da escravidão para a libertação e a defesa do meio ambiente, garantido vida saudável para as presentes e futuras gerações.

3.2 O VER da realidade ecológica a partir da atuação da Igreja

O modelo de desenvolvimento capitalista no Brasil a partir de 1970 na Amazônia foi através do Plano de Integração Nacional – PIN; Em 1971 o I PND- Plano Nacional de Desenvolvimento; e em 1975 II PND – Plano Nacional de Desenvolvimento. Estes planos integraram a Amazônia ao resto do país e abriu ao capital estrangeiro com incentivos aos grandes projetos econômicos com a abertura das Rodovias Transamazônico BR-230 e BR-163, Santarém- Cuiabá².

Este projeto de colonização e também de incentivos fiscais aos agropecuaristas, madeireiros, mineradoras e hidrelétricas. Diante de tudo isso, a Igreja presente no meio do povo, percebe que precisa mudar de posição. Isto é, ter uma postura mais evangelizadora, se afastando das elites políticas e econômicas e optando pelos pobres. Neste espírito de esperança e busca de soluções, acontece o primeiro encontro de bispos da Amazônia em 1952, afirma: “Se o governo vai tentar o soerguimento econômico destas regiões, é urgente que um largo surto espiritual se antecipe aos progressos materiais, e os acompanhe, e os envolva, dando-lhes rumo seguro e feliz”³.

Os bispos se reuniram novamente em 1967 e responderam aos militares que questionavam a opção da Igreja da Amazônia ficar do lado dos povos tradicionais. Eles afirmaram na sua carta: “Bastaria uma simples visita às missões, para reconhecer naqueles

² Os planos consistiam em abrir rodovias, levar famílias de agricultores do Nordeste e do Sul do Brasil para ocupar a Amazônia durante o regime militar, grandes incentivos fiscais para agropecuaristas e grandes projetos econômicos de mineração, hidrelétrica etc.. PIN – PLANO DE INTEGRAÇÃO NACIONAL (Decreto-Lei Nº1106, de 16 de julho de 1970) – RODOVIA BR 163 I PND – PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO (Lei 5.727, promulgada em 4 de novembro de 1971 – RODOVIA TRANSAMAZÔNICA). Disponível em: www.pt.wikipedia.org/wiki/IPlanoNacionaldeDesenvolvimento. Acesso em: 12 nov. 2014.

³ ENCONTRO DOS BISPOS. Bispos reafirmam compromisso da Igreja com os povos da Amazônica. Disponível em: <http://www.igrejacatolicaamazonialegal.com/2013/10/bispos-reafirmam-compromisso-da-igreja>. Acesso em: 04 ago. 2015.

mensageiros de Deus, os mais ativos operadores da integração da Amazônia" (CNBB-AMAZÔNIA, 2012). Este período de 1967 a 1971 foi marcado por grandes acontecimentos, pois o Brasil vivia o momento mais crítico do regime militar com muitas perseguições e torturas. Em nível da Igreja, o Papa Paulo VI em 1967, lança encíclica “Populorum Progressio” sobre o desenvolvimento dos povos. Na América Latina, o bispo se reúne em 1968 na Conferência de Medellín. Este documento trouxe muita esperança e alegria para os missionários na Amazônia.

A realidade da Amazônia atual continua a desafiar pastoralmente a Igreja com o tema do meio ambiente. Exige-se um posicionamento cada vez mais sentido e palpável, presença necessária ao lado de homens e mulheres concretos que sofrem na pele os desmandos das políticas injustas. A Igreja Católica na Amazônia fez uma grande opção em defesa dos povos e da natureza em 1972. Foi o Encontro Inter-Regional dos Bispos da Amazônia, que constituiu um marco na caminhada da Pastoral desta região. Na palavra do Papa Paulo VI: “Cristo aponta para a Amazônia”, inspiraram as “Linhas prioritárias da Pastoral da Amazônia”. Assim, nasceu o Documento de Santarém:

Nas presentes transformações econômicas e sociais da Amazônia, na abertura de novas estradas, na criação de novos núcleos humanos, na propagação dos meios de comunicação social, reconhece fatores que podem conduzir a um futuro enriquecimento e conseqüente libertação do homem amazônico. Não se pode, entretanto, deixar de perceber as limitações e perigos que esta realidade apresenta para o homem da Amazônia: antigas e novas marginalizações; estruturas inadequadas, importadas ou opressivas, desenvolvimento econômico feito sem ou contra o próprio homem, violação de direitos básicos, como a posse da terra, injusta distribuição dos recursos materiais e dos incentivos públicos. Divulgação publicitária que, às vezes altera o enfoque da situação real. (DOCUMENTO DE SANTARÉM, 2012).

Foi a grande decisão de compromisso da Igreja, através de seus bispos com a Amazônia e seus povos. E no programa de ação decide abraçar a pastoral indígena como prioridade, reforçando o apoio CIMI – Conselho Indigenista Missionário da CNBB.

A Doutrina Social da Igreja tem abordado em muitos documentos sobre a propriedade e ainda sobre a questão fundiária e meio ambiente. O ser humano deve estar a serviço de todos, protegendo a vida no planeta. Na 24ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil – CNBB, em 1986, falaram da importância da distribuição da terra para a vida digna dos agricultores:

Necessidade de uma política agrícola que garanta a permanência do pequeno agricultor no campo, bem como a execução imediata de uma Reforma

Agrária justa e eficaz, com aproveitamento das terras públicas, desapropriação do latifúndio por extensão e por exploração, indenização das terras desapropriadas em títulos da dívida agrária, com revisão da legitimidade dos títulos de propriedade (CNBB, 1986, n.109).

O religioso e professor de história da UFPA, Karl Arenz nos mostra que os conflitos na Amazônia estão presentes desde o início da colonização. Mas, agora percebe que toma proporções e a Igreja deve agir em defesa dos povos da floresta. Por isso, ele diz:

O aumento dos conflitos de terra revelou uma problemática estrutural na região que ganhou uma proporção nacional. No meio desta tensão destaca-se o papel da Igreja Católica com sua função de articuladora e organizadora dos pequenos produtores com e sem um lote de terra própria. Por isso, em 1975, foi criada a Comissão Pastoral da Terra – CPT pela Igreja da Amazônia. As ocupações como forma de resistência aumentaram e estenderam-se, especialmente nos anos 1990, não somente em terras devolutas, mas também nas áreas de titulação duvidosa. Até o momento nenhum governo conseguiu encontrar uma solução eficiente que superasse o monopólio da terra. (ARENZ, 2003, p. 27).

Este modelo de desenvolvimento capitalista-comercial desrespeitou totalmente as tradições das populações indígenas e ribeirinhas com sua visão coletiva da terra e uso comum dos bens ambientais. A memória da luta e da defesa da vida está na opção dos cristãos da Amazônia pelos pobres, pois eles precisam ser libertados de todo o tipo de opressão em qualquer lugar deste mundo. Apoiar os pobres em suas iniciativas ajudá-los a tomar consciência de seu papel, fortalecendo suas organizações é fundamental. É pela via da construção de uma Cultura de Paz, superando os preconceitos e discriminação que seremos sinais de vida no meio de tanta dor. Neste sentido, já temos muitos exemplos de pastorais e agentes cristãos atuando no processo de caminhada permanente de libertação.

3.3 O JULGAR a realidade ecológica da Amazônia à luz da Palavra de Deus

A Igreja por natureza é comprometida com a solidariedade, porque ela é por essência é solidária para com a humanidade. Por isso, ela nasceu, cresceu e ainda hoje vive no meio do mundo. Não pode existir uma Igreja de Jesus Cristo sem solidariedade. O cristão (ã) é por constituição evangélica um ser solidário. Jesus Cristo é o filho da solidariedade de Deus, Pai e Mãe, para com a humanidade. Ele foi gerado pelo imenso amor do Pai para com as pessoas humanas, em maneira preferencial para com os pobres. O Deus do êxodo (Ex. 3,7-10) se manifestou como o Deus da libertação. Moisés denunciou a opressão e lutou pela libertação do próprio povo. O lugar de liberdade e de dignidade hebraica, a festa que marcou a história e

a vida do povo de Israel. Libertar de todos os tipos de opressões, limites, e das opressões impostas pelas realidades humanas.

A hermenêutica do texto do livro do profeta Oseias, no Antigo Testamento, nos releva como podemos compreender a realidade no contexto socioeconômico e político da época. Oseias viveu e pregou no reino do norte (Israel) nos últimos anos de Jeroboão II (783-843 a.c.), até pouco antes da invasão dos assírios em 722 a.c.⁴. Neste contexto, o profeta denuncia a crise que passa Israel no conflito com Judá. E ele clama ao povo dizendo:

Ouçam a palavra de Javé, filhos de Israel! Javé abre um processo contra os habitantes da terra, pois não há mais fidelidade, nem amor, nem conhecimento de Deus na terra. Há juramento falso e mentira, assassínio e roubo, adultério e violência, e sangue derramado se junta a sangue derramado. Por isso, a terra geme e seus habitantes desfalecem; os animais do campo, as aves do céu e até os peixes do mar estão desaparecendo (OSÉIAS, 4.1-3).

Para fazer a hermenêutica bíblica do texto, devemos antes analisar o contexto da época em que foi escrito. Para isso se necessita da análise sociológica, política e religiosa pode-se compreender a real situação do povo na época. Também qual é a vontade de Deus e o que o profeta irá falar. Por isso, a Palavra de Deus ilumina esta realidade e propõe a mudança de comportamento do povo para salvar a Tradição do povo de Israel e o respeito à terra e o meio ambiente. Como agir depois desta denúncia do profeta Oséias? Mudar de comportamento para salvar a terra e a tradição. Percebemos aqui os três passos (ver o passado, iluminar o presente para agir rumo ao futuro) necessários para colocar a Palavra de Deus em prática no contexto atual da vida do povo da Amazônia.

A hermenêutica da Teologia da Libertação tem no centro o Evangelho de Jesus Cristo. A presença do Jesus histórico feito homem o próprio filho de Deus. Segundo a hermenêutica de Leonardo Boff no seu livro sobre o Jesus Cristo Libertador é a grande demonstração da Teologia da libertação da América Latina. Ele escreveu em 1972 no auge da implantação das Comunidades Eclesiais de Base- CEBs e na dura realidade de muitos governos militares na América latina.

Para compreender bem a hermenêutica da Teologia da Libertação, temos o excelente artigo do Augustus Nicodemus Lopes que analisa o Livro de Leonardo Boff sobre Jesus Cristo Libertador. Segundo Lopes, a hermenêutica de Leonardo Boff tem quatro dimensões:

⁴ Ver livro do profeta Oseias, No Antigo Testamento, principalmente a introdução que contextualizar o leitor na realidade do texto.

1. O Jesus que nos é apresentado nos Evangelhos não corresponde ao Jesus que realmente existiu. É apenas o Cristo da fé e da reflexão da igreja;
2. É preciso ler os Evangelhos com os olhos de latino-americanos oprimidos e deixar que nossa experiência de opressão nos leve a Jesus, e dele retornemos à nossa realidade com esperança de libertação;
3. Precisamos entender Jesus por nós mesmos e elaborar uma cristologia compatível com nossa geração, com nossa história e nossa situação. A reflexão sobre Cristo feita por gerações anteriores não pode substituir a nossa própria;
4. Devemos ler as Escrituras com a mente crítica de um analista social e ver os relatos em termos da luta entre opressores e oprimidos. Para isso, podemos usar a análise crítica social do marxismo. (LOPES, 1972).

Vida e Missão de Jesus Cristo, o Verbo de Deus encarnado (Jo 1, 14) nos revela a misericórdia de Deus presente na vida do povo. Jesus Cristo é o novo Adão. Isto é, veio resgatar a humanidade da corrupção e do pecado. Ele anuncia um novo céu e uma nova terra (criação) já sonhada pelo profeta Isaías (Is 65,17- 25 e Ap 21, 1-8). Nos quatro evangelhos, narram a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo (Mt 26-28; Mc 14-16; Lc 22-24; Jo 18-21). Por isso, fazer a exegese destes textos, precisamos voltar à memória do tempo, analisando o contexto no tempo de Jesus histórico. Depois trazer esta realidade para os dias de hoje na Amazônia diante da crise ambiental, violência e martírio dos líderes cristãos na defesa da vida. Assim o Cristianismo, anuncia a vida, morte e ressurreição nos dias de hoje com o testemunho de fé na vida nova e libertada de todo mal.

Para ilustrar bem esta prática da Igreja Católica no Brasil, temos desde 1964 as Campanhas da Fraternidade, sempre com temas sociais e ambientais. Por isso, a Campanha da Fraternidade da CNBB de 2007 foi sobre Fraternidade e Amazônia. E em 2011, sobre a Fraternidade e Vida no Planeta e o tema: “A criação geme como em dores de parto” (Rm 8,22)⁵. Tudo isso revela o desejo de Deus ao ser humano e ao meio ambiente como vemos neste texto:

Nessa visão integrada do ser humano, a salvação oferecida pelo Deus da revelação bíblica afeta o ser humano em todas as suas dimensões. O universo inteiro possui uma dimensão crística. A encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo possuem um significado cósmico, totalmente universal. A libertação da natureza, manipulada abusivamente pelo ser humano, está incluída na libertação do pecado humano *para* a vivência da liberdade concretizada no amor-serviço. Inclui as relações responsáveis e solidárias com as outras criaturas. Hoje, fica cada vez mais claro que a salvação do ser humano é inseparável da salvação da criação toda (Rm 8, 19-23). O destino de ambos está intimamente unido (CF 2011, n.183).

⁵ Ver texto completo em CF 2011 – Texto Base. Fraternidade e vida no Planeta. Disponível em: http://www.amigodaterra.com.br/campanhadafraternidade/textobasecf_2011.pdf. Acesso em: 12 ago. 2015.

Toda a tradição e costume do povo de Israel e do evangelho de Jesus Cristo é uma forma de compreender a real situação que vivemos como pessoas crentes, resgatando os valores e princípios da dignidade da pessoa humana e da ética da responsabilidade para praticar o que a Palavra Revelada nos ilumina na caminhada da vida.

3.4 O AGIR profético da Igreja em defesa d e a vida e do meio ambiente

O agir diante do contexto analisado é colocar em prática as soluções que sonhamos para o ser humano e o meio ambiente, iluminado pela Palavra de Deus. E cada dia têm luzes de esperança para lutar contra as injustiças sociais e ambientais. Neste sentido, o discurso do Papa Francisco aos movimentos sociais este ano, confirma a hermenêutica da Teologia da Libertação, pois ele fala do compromisso da Igreja a partir do evangelho e da Doutrina Social da Igreja e o amor pelos pobres. Ele afirmou: “Se entende que o amor pelos pobres está no centro do Evangelho. Terra, teto e trabalho – isso pelo qual vocês lutam – são direitos sagrados. Reivindicar isso não é nada raro, é a doutrina social da Igreja” (PAPA FRANCISCO, 2014). Como então, encontrar soluções viáveis para uma vida digna do ser humano e do respeito ao meio ambiente. Por isso, muitos mártires deram suas vidas, seguindo o exemplo de Jesus Cristo morto e ressuscitado. A vida clama pela justiça e a paz.

A opção clara e firme em defesa da Amazônia e de seus povos trouxe consequências grave em que muitos perderam a vida, sendo assassinados na luta pela terra e defesa da justiça e do meio ambiente. Foi neste contexto que foi criada a CPT – Comissão Pastoral da Terra em 1975 em Goiânia. O compromisso da CPT sempre foi ecumênico a serviço dos povos da terra. No seu congresso em 1998, atualizando sua missão, ficou assim estabelecido:

Convocada pela memória subversiva do evangelho da vida e da esperança, fiel ao Deus dos pobres, à terra de Deus e aos pobres da terra, ouvindo o clamor que vem dos campos e florestas, seguindo a prática de Jesus. A CPT quer ser uma presença solidária, profética, ecumênica, fraterna e afetiva, que presta um serviço educativo e transformador junto aos povos da terra e das águas, para estimular e reforçar seu protagonismo. A CPT reafirma seu caráter pastoral e retoma, com novo vigor, o trabalho de base junto aos povos da terra e das águas, como convivência, promoção, apoio, acompanhamento e assessoria nos seus processos coletivos: de conquista dos direitos e da terra, de resistência na terra, de produção sustentável. [...] Sempre contribuindo para articular as iniciativas dos povos da terra e das águas e buscando envolver toda a comunidade cristã e a sociedade, na luta pela terra e na terra; no rumo da “terra sem males”. (CPT, 1998).

Diante de tantas injustiças e assassinatos no campo de Indígenas, trabalhadores rurais e religiosos missionários, Dom Pedro Casaldáliga, bispo emérito de São Felix do Araguaia fez na sua Igreja, o Santuário dos Mártires que chama “Vidas pela Vida”⁶. Ele afirma que a injustiça tem um nome nesta terra: o Latifúndio. É o único nome certo do Desenvolvimento aqui é a Reforma Agrária. Perguntado sobre os índios e o agronegócio, ele respondeu:

Quanto aos índios, já era uma atitude que continuava a política toda da colonização. [...] Os índios sobravam. E estamos no mesmo problema. Sobram frente ao agronegócio. Porque a política indígena, a cosmovisão indígena, a cultura indígena, a economia indígena é contrária à política e à economia do agronegócio. Por isso, eu dizia que tivemos problema na defesa desses três grupos de pessoas: Os povos indígenas, os posseiros e os peões. (CASADÁLIGA, 2012).

Este compromisso firme e corajoso da Igreja da Amazônia marcado pelo martírio que Dom Pedro santifica sua vida, gastando-a a serviço da Vida, caminhando na romaria dos mártires e no encerramento da missa no dia 19 de julho de 2011 ele diz "multipliquem as romarias dos mártires da caminhada! Esta, possivelmente será minha última Romaria com os pés nesta terra..." Dentro desta grande caminhada em defesa dos povos indígenas e em memória dos mártires temos o poeta e músico Zé Vicente que estando nesta Romaria proclama sua poesia e canta:

Ribeirão Bonito, Cruz do Padre João, Alta Cascalheira, gente do sertão, o suor e o sangue, fecundando o chão!, romeiros e romeiras da Caminhada nos despedimos, para as longas viagens de volta, com os corações unidos e aquecidos na fogueira da esperança para a missão urgente, assumida, sem reserva, até o fim, por tantas testemunhas do reinado pleno e eterno da Vida para todas as vidas: João, Chicão, Marçal, Zumbi, Conselheiro, Margarida, Zé Claudio, Maria, Dorothy, Nativo. (ROMARIA DOS MÁRTIRES, 2007).

Infelizmente, o que todo mundo sabia aconteceu. A Ir. Dorothy Stang foi assassinato no dia 12 de fevereiro de 2005, quando estava reunida com os trabalhadores dentro do Assentamento de reforma agrária, planejando o projeto de desenvolvimento sustentável. A carta dos bispos da Igreja do Pará e Amapá em 2006 mostra a preocupação com as ameaças de morte ao bispo do Xingu, Dom Erwin Krautler que defende os povos indígenas contra a Construção da hidrelétrica de Belo Monte. E também a preocupação pela vida do Frei Henry Rosiers, advogado da CPT de Xinguara, Pará e de Pe. Edilberto Sena e Pe. José Boeing,

⁶ VIDAS PELA VIDA é o documentário feito para registrar os nomes dos mártires no Santuário em São Félix do Araguaia. Disponível em: <http://vidaspela vida.blogspot.com/2010/09/pintada-acolhe-mais-uma-celebracao-dos.html>. Acesso em: 3 abr. 2014.

Santarém, Pará, que sofrem perseguições pelos defensores do agronegócio da soja na Amazônia. As ameaças foram feitas através da internet:

Ninguém tem mais sossego, se não for dado um jeito nesse bispo” (Dom Erwin). “Se você, amigo, tiver a oportunidade de pegar um ativista na rua, bata, mas bata até a morte; pode ser homem ou mulher; bata para matar; pois quando um morrer, aí sim eles vão ver de quem é a Amazônia! Matem os padres Edilberto Sena e José Boeing pelo bem de Santarém”[...] “À luz da doutrina social da Igreja, o cuidado com o meio ambiente é condição essencial para qualquer projeto de desenvolvimento econômico e social, pois a ‘grande tentação do desenvolvimento consiste em que o homem, movido pelo seu egoísmo e quebra de fraternidade, ameace destruir o gênero humano. (CNBB, NORTE II, 2006).

A Igreja perseguida e martirizada é a Igreja de Jesus Cristo voltada para a vida do povo. Isto fez os agentes missionários da Igreja, perceberem um Novo Cristo solidário com o pobre no contexto da Amazônia.

A Igreja é ecumênica e está construindo a pátria solidária, “morada de povos irmãos e casa dos pobres” (DA 8). O Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro em julho de 2013, disse: “A Igreja está na Amazônia, não como aqueles que têm as malas na mão, para partir depois de terem explorado tudo o que puderam. Desde o início a Igreja se faz presente na Amazônia, através dos missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos e lá continuam presente e determinante no futuro daquela área”. Para Utsler (2009, p. 177), deve haver uma ação em defesa da vida e do meio ambiente. Ele afirma:

Os problemas ambientais que atualmente enfrenta nosso mundo exigem ação rápida e o desenvolvimento de política pública sólida. É meu ponto de vista que a obra de Paul Ricoeur fornece um forte quadro analítico e Fundação à formulação de política ambiental, bem como informar a maneira em que podemos interpretar o ambiente, nossa relação com ela e, portanto, como nós, como indivíduos agir relativamente no mundo natural⁷

A Hermenêutica da Teologia da Libertação, através do método ver, julgar e agir implantou um novo ardor missionário desde as CEBs. O pobre se tornou o centro do Evangelho como o próprio Jesus Cristo anunciou e realizou em sua missão. Hoje, o Cristo

⁷Texto original: The environmental problems that currently face our world require quick action and the development of sound public policy. It is my contention that the work of Paul Ricoeur provides a strong analytical framework and foundation to formulate environmental policy as well as inform the way in which we construe the environment, our relationship to it, and therefore, how we as individuals act with regard to the natural world. (UTSLER, 2009, p. 177).

morto e ressuscitado está presente no povo morto e ressuscitado da América Latina. E o povo espera e luta pela Páscoa da vida nova do Reino de Deus, recriando a vida saudável com o planeta terra com ética do cuidado, numa perspectiva socioambiental para as presentes e futuras gerações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, ainda não temos conseguido alcançar o ideal de uma sociedade de resgate os verdadeiros valores cristãos da liberdade, igualdade e fraternidade. Sonhamos com uma vida mais digna e como proteção do direito de propriedade numa visão socioambiental com respeito e o princípio da Corresponsabilidade e como chamou Leonardo Boff do poder de “Saber Cuidar”. Temos um futuro pela frente com iniciativas novas da constatação de uma função social da propriedade, promovendo ações para alcançar uma função socioambiental da propriedade com práticas do bem comum acima dos interesses particulares, superando o egoísmo, promovendo a convivência e as relações sociais da grande comunidade humana.

A recuperação ecológica de nosso planeta exige a mobilização de recursos financeiros e principalmente uma política com a dimensão ético-religiosa. A vontade política por si só não produziria o resultado esperado. Por exemplo, qual é o governo que tem orçamento destinado ao combate à poluição ambiental?

O ideal político-social cristão não visa à formação de uma sociedade beneficiada com abundância material. O que nós cristãos queremos é uma sociedade animada pelo espírito de solidariedade e corresponsabilidade para juntos coabitarmos o nosso planeta.

Diante de tudo que apresentamos sobre a hermenêutica de Paul Ricoeur e pensando uma filosofia ou hermenêutica ambiental, Conseguimos traçar um perfil de uma filosofia e Teologia da Libertação na América Latina com ênfase na pessoa humana e o meio ambiente. A hermenêutica é uma ferramenta fundamental para compreender e interpretar os símbolos desde a memória história e a narrativa, como dizia Ricoeur.

Os desafios da luta dos povos da Amazônia são grandes, mas a vontade se servir é maior. A Igreja da Amazônia fez uma opção clara em defesa do meio ambiente e de seus povos amazônidas, porque acredita no ser humano e que poderá aprender a viver com a floresta em pé, sabendo extrair seu bem sem destruir. Assim, sempre dizia Irmã Dorothy: “Quando usamos a terra, depois de uns anos esta mesma terra deve estar mais fértil de quando iniciamos a cultivar”. Isto é, o uso equilibrado da terra e da água, nunca a esgotará sua

fertilidade se souber cuidar da mãe-terra. Por isso, o conhecimento filosófico, teológico se faz necessário, através da hermenêutica. Nessa perspectiva que partimos do ver a realidade, do julgar com a Palavra Revelada e agir como força transformadora, garantindo a vida plena no planeta, resgatando a vida natural, artificial e cultural para a presente e futuras gerações, alcançando o que o Salmo 85 anuncia: “Justiça e Paz se abraçarão”.

REFERÊNCIAS

ARENZ, Karl. **São e Salvos**. Ed. Abya Yala. Quito, 2003.

BOFF, Leonardo. **América Latina: da conquista à nova evangelização**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1992.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: Grito da terra, grito dos pobres**. Editora Ática. São Paulo, 1999.

BARBOSA, Rogério Monteiro. **A tríplice concepção de mimese de Paul Ricoeur e a narrativa jurídica**, 2008. Disponível em: <www.publicadireito.com.br/conpedi/.../rogerio_monteiro_barbosa-1.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2015.

CASALDÁLIGA, Pedro D, **O problema é ter medo da democracia**. Disponível em: <<http://quemtemmedodademocracia.com/2012/10/21/d-pedro-casaldaliga-o-problema-e-ter-medo-do-medo>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

CF 2011. **Texto Base: Fraternidade e vida no Planeta**. Disponível em: <http://www.amigodaterra.com.br/campanhadafraternidade/textobasecf_2011.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2015

CIMI. **Outro mundo é possível**. Revista mensageiro. Edição n. 149. Jan/Fev 2005. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/site/pt-br/%3Fsystem%3Dpublicacoes%26cid%3D9>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

CNBB E A AMAZÔNIA. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/imprensa/60-anos-da-cnbb/10929-a-cnbb-e-a-amazonia>. Acesso em: 4 ago. 2015.

CNBB NORTE II. **Igreja e Greenpeace versus soja na Amazônia. Ecologia**. Disponível em: http://www.pime.org.br/mundoemissao/ecologia_soja.htm. Acesso em: 30 de mar 2014.

CNBB NORTE II. **Igreja e Greenpeace versus soja na Amazônia**. Disponível em: http://www.pime.org.br/mundoemissao/ecologia_soja.htm. Acesso em: 30 de mar 2014. Ver as notícias de 2006 sobre as ameaças. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.php%3Flang%3DPT%26cod%3D24774>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

CPT- Comissão Pastoral da Terra. **Missão da CPT**. Disponível em:

<<http://www.cptnacional.org.br/index.php/quemsomos/missao#sthash.fEUdeMZp.dpuf>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

DOCUMENTO DE SANTARÉM. **Conclusões**. Disponível em: www.cnbb.org.br/.../9686-bispos-da-amazonia-celebram-40-anos-do-documento-de-santarem. Acesso em: 10 abr. 2014. Disponível em: <<http://www.igrejacatolicaamazonialegal.com/2013/10/bispos-reafirmam-compromisso-da-igreja>>. Acesso em: 4 ago. 2015.

DOCUMENTO DE APARECIDA. n. 8, Vozes, São Paulo, 2007.

DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da libertação na América Latina**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1980. Ver PETERS, Edson Luiz. **Ecologia da libertação**. Disponível em: <<http://ambienteduran.eng.br/system/files/publicador/PUBLICACOES/leg2.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981. Disponível em: Disponível em: books.google.com.br/.../Teologia_da_libertacao_Perspectivas.html?hl. Acesso em: 12 jun. 2015.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Hermenêutica da Libertação: Uma análise de Jesus Cristo Libertador de Leonardo Boff**. Disponível: <http://portuguese.thirdmill.org/files/portuguese/11155~9_19_01_10-3216_AM~a_hermeneutica_d>. Acesso em: 12 jul. 2015.

PAPA FRANCISCO. **Mensagem na Jornada Mundial da Juventude 2013**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/francesco/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_2013>. Acesso em: 05 ago. 2015.

PAPA FRANCISCO. **Discurso do papa Francisco aos movimentos sociais**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html>. Acesso em: 06 jul. 2015.

PREIRA, Miguel Baptista. **A Hermenêutica da condição Humana de Paul Ricoeur**. Revista Filosófica de Coimbra n. 24, p. 235-277, 2003.

REALE, Geovanni, ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt**. Coleção História da Filosofia seis. São Paulo: Paulus, 2006.

ROMARIA DOS MÁRTIRES. Disponível em: <<http://cnlbsul1.blogspot.com/2011/07/romaria-dos-martires-da-caminhada.html>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

VIDAS PELA VIDA. Disponível em: <<http://vidaspelavida.blogspot.com/2010/09/pintada-acolhe-mais-uma-celebracao-dos.html>>. Acesso em: 03 ago. 2015.

UTSLER, David. **Paul Ricoeur's hermeneutics as a model for environmental Philosophy**. University of North Texas, Denton: Philosophy today, Summer 2009.